

CONTRADIÇÕES EXPLICÁVEIS, MAS NEM SEMPRE JUSTIFICÁVEIS¹

Pedro E. de Felício²

“Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, lacaio e libré. Há contradições explicáveis”.
Machado de Assis. Esaú e Jacó. São Paulo: Ed. Escala.

No início da obra “Esaú e Jacó”, o autor Machado de Assis descreve a situação criada por um diretor de banco que, nos idos de 1869, manda rezar uma missa para um parente pobre, há pouco falecido, a quem não ajudou o bastante em vida, numa igreja modesta de bairro, e lá comparece com sua bela esposa em carruagem com empregado metido em uniforme de gala; o casal é desconhecido dos moradores do lugar, mas causa-lhes espanto o inusitado da visita. “O luxo do casal temperava a pobreza da oração”, revela o escritor.

Bons tempos aqueles em que um funcionário do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, podia ocupar-se de sua obra literária, conjeturando contradições como essa da economia no uso de recursos e gastos com as aparências. Machado de Assis, a par de oficial de gabinete do ministro e, depois, na República, titular da Diretoria de Comércio da referida pasta, foi também fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, de 1897 até a sua morte em 1908.

Acaso não havia contradições no ministério de então, como as há no de hoje? Por certo, não havia exportação de carne resfriada. Tanto a carne como o couro, principais produtos da pecuária de outrora, eram salgados para garantia de sua conservação. Mais tarde é que veio a exportação de traseiros curtos – o “chilled beef” - para a Inglaterra, mas o forte mesmo, até bem pouco tempo, eram as exportações de carne industrializada, cozida, esterilizada. E, a aftosa era só uma conhecida virose que acometia o gado, que por sua vez sofria com a erupção e ruptura de vesículas nas mucosas, babava abundantemente e, depois, regredia deixando restar uma ou outra frieira nos cascos, que os mais antigos sabiam cortar em profundidade, e enfaixar até ficar curada. Há quem diga que algumas riquezas foram feitas por vaqueiros que compravam barato o gado emagrecido pela aftosa, procediam à engorda em pastos próprios ou alugados e, depois, vendiam as boiadas para o matadouro. Nada disso preocupava o nosso maior escritor e alto funcionário, ou preocupava, mas era assunto para ser tratado pelos técnicos que, de início, eram médicos, em seguida veterinários

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, n.29, nov./dez., p.70-71, 2005.

² Diretor Associado da FEA-UNICAMP, Campinas, SP.

estrangeiros contratados para ensinar, colaborando na formação dos alunos da antiga Escola de Agricultura e Medicina Veterinária, em Niterói, RJ, formados a partir de 1917. Em arremedo do estilo do autor de Dom Casmurro, vai aqui uma advertência ao prezado leitor: - Não conclusas precipitadamente que se pretende dizer nestas linhas que “o bruxo de Cosme Velho” tivesse o poder de prever o futuro, a ponto de “ver” que, no decorrer do século 20, o seu ministério pudesse atingir uma fase áurea, nas décadas de 40 a 70⁽ⁱ⁾, para, em seguida, entrar num processo de decadência, que chegaria neste ano à penúria digna de uma missa em capela de periferia. Tens razão de dizer que, no primeiro semestre, o órgão sofreu reprimenda do governo dos Estados Unidos devido a deficiências na inspeção de carnes industrializadas, depois veio a União Européia pôr em dúvida a nossa rastreabilidade, cuja principal característica deve ser a credibilidade e, agora, esse surto de febre aftosa a humilhar um empobrecido sistema nacional de defesa sanitária. Nem penses, também, em estabelecer paralelo entre a cupê com laçao de libré, com um certo avião luxuoso que tem voado pelos céus de todo o planeta.

O objetivo dessa analogia é chamar a atenção para um grave problema que o país vive há muito tempo, que mereceu deste redator em entrevista a um grande jornal, em 2001, o alerta de que “os investimentos na infraestrutura física e humana de inspeção e defesa não são compatíveis com o ritmo de crescimento da produção e da exportação de carnes do país”. - “O sr. parece desconhecer os programas sanitários do MAPA”, foi resumidamente o teor da gentil advertência oficial recebida de Brasília, dias depois. Como estará se sentindo o autor do ofício? Terá entendido, agora, o recado?

O nosso contista maior nunca previu uma contradição tão injustificável como essa da falta de recursos para um dos setores que mais contribuem para a receita de exportações da agropecuária nacional, mas ele pode muito bem ter visto em sonhos as festas promocionais da carne bovina do Brasil, na Europa, especialmente em Paris, antes mesmo de ter sido estruturado um sólido sistema de qualidade para os alimentos produzidos neste país. O fato é que nossas festivas ostentações têm servido para mascarar a pobreza de nossas ações na solução dos problemas estruturais, levando-nos a tropeçar pelo caminho na busca do desenvolvimento.

ⁱ Destaques para o (a): estímulo à produção industrial de vacinas no país; fomento da produção animal; edição do Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal, com base na lei 1283/50; carreira de funcionários que incluía um curso de especialização no Rio de Janeiro; apoio à tecnificação da suinocultura e da avicultura a partir do estado de Santa Catarina; transformação de queijarias em laticínios e das charqueadas em matadouros-industriais e matadouros-frigoríficos; criação

do Fundo Federal Agropecuário, em 1962; Normas Higiênico-Sanitárias e Tecnológicas para Exportação de Carne (1966); processo de federalização da Inspeção Sanitária a partir das regiões Sul e Centro-Oeste, com base na lei 5.760/71, para citar algumas das mais importantes conquistas da área animal e, em caráter mais amplo, a criação da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, em 1973.